

# 361

## Revista Portuguesa de História

Homenagem aos Professores  
Luís Ferrand de Almeida  
António de Oliveira

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Instituto de História Económica e Social  
Coimbra 0304

*Revista Portuguesa de Historia*  
t. XXXVI (2002-2003)  
pp. 241-265 (vol. 1)

## **A inserção urbana das catedrais medievais portuguesas: O caso da catedral de Lamego**

ANÍSIO MIGUEL DE SOUSA SARAIVA  
Bolseiro de Doutoramento da FCT

Portugal, no findar do século XII, era uma realidade política que visava impor-se como país independente, através da afirmação da sua identidade e da construção de um território soberano. Essa tarefa iniciou-se um século antes com os condes portugalenses, D. Henrique e D. Teresa, senhores das cidades de Braga e Coimbra e de outros núcleos populacionais, embora de menor dimensão, como Guimarães, Porto, Lamego e Viseu\* <sup>1</sup>. A sul destas localidades

\* Este texto, mais reduzido e em inglês, foi apresentado a 11 de Julho de 2001, em Leeds, na sessão *Cathédral and City in Southern Europe I: Canonical topography in the Iberian Peninsula*, realizada no âmbito do *International Medieval Congress (Familia and Domus)*, tendo sido entregue para publicação na colectânea *Catedral y ciudad en la Península Ibérica durante la Edad Media* (Murcia, 2003). Esta participação recebeu o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, a quem expressamos o nosso agradecimento. Por fim, uma palavra de homenagem ao Senhor Professor Doutor Antonio de Oliveira, nosso professor de História Moderna de Portugal, no ano lectivo 1992-93.

<sup>1</sup> Sobre o período condal vid. as sínteses mais recentes de A. H. MARQUES, “A constituição de um condado”, in *Portugal em Definição de Fronteiras (1096-1325)*, vol. III da *Nova História de Portugal*, Lisboa, 1996, pp. 11-23; e de J. MATTOSO, “Dois séculos de vicissitudes políticas”, in *A Monarquia Feudal (1096-1480)*, vol. II da *História de Portugal*, Lisboa, 1992, pp. 23-64.

situava-se a fronteira e o território muçulmano, que incluía cidades de grande dinamismo como Santarém, Lisboa, Évora, Beja, Silves e Faro, ou seja, pólos de incontornável importância estratégica e comercial, que viriam a ser definitivamente conquistados e incorporados na rede urbana medieval portuguesa, por Afonso Henriques, Sancho I, Sancho II e Afonso III, num processo militar complexo que se estendeu “grosso modo” de 1147 a 1249<sup>2</sup>.

Uma vez completo este processo de Reconquista e assimilados novos núcleos populacionais herdeiros da prosperidade urbana muçulmana, seria de esperar que a paisagem portuguesa sofresse, ao longo do século XIII, alterações no sentido de assumir um cariz mais vincadamente citadino. No entanto, tal não se verificou, pois, além dos centros urbanos de maior dimensão se concentrarem ao longo da faixa litoral, relegando para o interior os núcleos de menor expressão<sup>3</sup>, o campo continuou a pontuar e a condicionar todo o equilíbrio socio-económico do reino<sup>4</sup>.

Em consequência deste quadro, as urbes medievais portuguesas surgiam perfeitamente integradas na paisagem, algumas exibindo mesmo um perfil um tanto ruralizado. A demonstrar esta característica está o tipo de aproveitamento que era feito das pequenas parcelas de terreno anexas às casas (os quintais, cortinhais, conchousos, hortas e eixidos), bem como das áreas imediatamente próximas ao perímetro urbano, comumente ocupadas com culturas de produtos frescos, como frutas e legumes, cultivados pelos próprios habitantes, visando assim satisfazer as suas necessidades alimentares diárias<sup>5</sup>. A este cenário associava-

<sup>2</sup> Para uma detalhada caracterização das cidades muçulmanas que foram incorporadas no território português, vid. A. H. MARQUES, “O «Portugal» Islâmico”, in *Portugal das Invasões Germânicas à Reconquista*, vol. II da *Nova História de Portugal*, Lisboa, 1993, pp. 144-51; *idem*, “O campo muçulmano”, in *Portugal em Definição de Fronteiras...*, pp. 64-73; M. F. MARQUES, “A viabilização de um reino” e “As etapas de crescimento do reino”, *ibidem*, pp. 23-64; A. ANDRADE, “Fronteira e rede urbana: um aspecto da estratégia régia de consolidação do espaço do Portugal medieval”, in *4 construção medieval do território*, Lisboa, 2001, pp. 24-50; e R. V. GOMES, “A cidade muçulmana”, in *A Cidade. Jornadas inter e pluridisciplinares*, II, Lisboa, 1993, pp. 27-54.

<sup>3</sup> J. MATTOSO, “OS concelhos”, in *A Monarquia Feudal...*, pp. 207-8, ao abordar a dicotomia campo e cidade, refere-se a esta clara assimetria da nossa geografia urbana medieval.

<sup>4</sup> Sobre a importância do mundo rural e os estudos que a actual historiografia portuguesa lhe tem dedicado, vid. a recente síntese de M. H. COELHO, “Balanço sobre a história rural produzida em Portugal nas últimas décadas”, in *A cidade e o campo: colectânea de estudos*, Coimbra, 2000, pp. 23-39.

<sup>5</sup> A análise desta questão no contexto europeu levou J. LE GOFF, *Por amor das cidades: conversas com Jean Lebrun*, Lisboa, 1999, p. 28, a concluir que “a «desruralização» da cidade é um fenómeno do século XIX”. Para uma perspectiva alargada da paisagem portuguesa no período medieval, bem como do espaço urbano e das suas áreas envolventes, vid. I. GONÇALVES, “Entre o campo e a cidade na segunda metade do século XIV”, in *Um olhar sobre a cidade medieval*,